

# *O esporte e a escrita da história: novos desafios<sup>1</sup>*

Leonardo Brandão\*

## RESUMO

Este artigo tem por objeto discutir algumas questões referentes à inserção dos esportes no campo da historiografia, evidenciando o surgimento dos “esportes radicais”, durante a década de 1970, enquanto formações que sinalizam a necessidade de se produzir outras formas de compreensão do registro esportivo. Para tanto, parte-se da premissa de que o esporte – como um todo – representa um domínio histórico em ascensão e importante para se compreender diversos elementos ligados à formação de culturas e práticas sociais.

**Palavras-chave:** História. Historiografia. Esportes.

## ABSTRACT

This article aims to discuss some issues concerning the integration of sports in the field of historiography, emphasizing, however, the emergence of the “Extreme sports” during the 1970s while training which indicate the need to produce other forms of understanding the record sports. Thus, it is the premise that the sport - as a whole - is an historic area on the rise and important to understand various aspects of the training of culture and social practices.

**Keywords:** History. Historygraphic. Sports.

---

<sup>1</sup> Este artigo, embora original em suas articulações, retoma discussões desenvolvidas em outros trabalhos já publicados pelo próprio autor. Em especial, disponíveis em: [http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recordes/pdf/recordesV1N2\\_2008\\_15.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recordes/pdf/recordesV1N2_2008_15.pdf) e [http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=4747&Itemid=147](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=4747&Itemid=147)

\* Historiador. Mestre em História pela UFGD, Doutorando em História pela PUC/SP e bolsista CNPq.

## O ESPORTE COMO OBJETO DA HISTÓRIA

“Só os pensamentos que surgem  
em movimento têm valor”.  
Friedrich Nietzsche

Nem sempre o esporte – e os corpos que por ele se expressam – foram considerados objetos da história ou dignos de interesse do historiador. Até bem pouco tempo atrás seria muito difícil escrever um texto científico em história sobre esportes, processos de esportivização ou institucionalização de práticas corporais. Não que faltassem fontes, o que não havia era a concepção, hoje já bem mais fortalecida, de que o esporte ultrapassa o mero jogo das atividades físicas e pode, assim como as artes plásticas, a literatura, o teatro, o cinema etc, contribuir para uma melhor compreensão cultural e histórica das sociedades.

No Brasil atual, por exemplo, diversos professores de história e historiadores vêm apresentando preocupações no sentido de se prestar maior atenção às atividades esportivas. Para Flávio de Campos, historiador da Universidade de São Paulo, a dimensão social que os esportes e os jogos assumiram nos últimos anos, em especial nos dias atuais, fornece “[...] uma chave interpretativa extremamente fecunda para a análise das mais diversas formações sociais”<sup>2</sup>. De forma similar, para Denise Bernuzzi de Sant’Anna, historiadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mais do que simples exercícios físicos, as manifestações esportivas são representativas de certo sentido histórico e comportamental, ligando-se a inúmeras esferas da vida cotidiana. Em suas palavras, “examinar o esporte, nas suas formas insólitas ou clássicas, implica penetrar na compreensão das expectativas e dos fascínios de uma determinada cultura” (SANT’ANNA, 2000, p. 21).

O fato é que a produção acadêmica sobre assuntos relacionados aos esportes vem crescendo no país nos últimos anos, perfazendo um novo domínio<sup>3</sup> na historiografia. De acordo com Victor Andrade de Melo, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, “[...] a consolidação de grupos de estudos especializados (GT’s), o aumento de pesquisas e publicações a partir de programas de pós-graduação da área das humanidades demonstra bem essa potencialidade” (RIBEIRO; MELO, 2007, [on-line]). Segundo esse pesquisador,

<sup>2</sup> SCHWARTZ, Adriano. O processo civilizador do esporte. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, entrevista, p. 3, 08 ago. 2004.

a importância do esporte para melhor compreensão da sociedade em geral foi recentemente reconhecida pela ANPUH/Nacional, que sugeriu ao CNPq a inclusão da “História do Esporte” como uma nova área de conhecimentos. (MELO, 2010, p. 10).

Não obstante essa inserção dos esportes no campo da história, é preciso lembrar, todavia, que não foi a partir dos historiadores - “*stricto sensu*” - que o esporte passou a ganhar visibilidade e contornos historiográficos. Em grande parte, esse novo olhar para com a dimensão esportiva é fruto das pesquisas desenvolvidas pelos sociólogos Pierre Bourdieu e Norbert Elias, os quais começaram a fornecer aos estudos sobre as práticas esportivas um tratamento metodológico e conceitual mais sofisticado.

Uma das principais contribuições de Pierre Bourdieu<sup>4</sup> encontra-se em suas reflexões sobre a formação de um “campo esportivo”, isto é, o resultado de um processo que, ao longo do tempo, passa a articular um mercado de interesses formado por técnicos, equipes, jornalistas, juizes, associações, federações, publicações especializadas etc. A partir de Pierre Bourdieu, portanto, é possível pensar as formações das práticas esportivas inseridas num sistema de práticas e consumos, o que, obviamente, significa pensar questões que envolvem a produção de artigos esportivos e, respectivamente, sua demanda. (BOURDIEU, 1987, p. 152).

Já o ponto de partida de Norbert Elias é a transformação de práticas corporais em atividades esportivas e o refinamento das condutas e o autocontrole nas relações sociais que se fazem aos moldes de um “processo civilizador” que, embora não planejado, pode ser “empiricamente evidente” (GEBARA, 2002, p. 20). No Brasil, um dos primeiros autores que, transitando na área de história, tomou como referência a abordagem de Norbert Elias para o estudo do esporte foi Ricardo de Figueiredo Lucena, autor do livro *O Esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro* (LUCENA, 2001).

A década de 1970 marcou, em diversos países capitalistas, um grande desenvolvimento de atividades físicas ligadas à fabricação de equipamentos lúdicos. (VIGARELLO, 2008, p. 238). Basicamente, foram dois os nomes

<sup>3</sup> Entende-se por domínio as áreas de concentração em torno de certas temáticas e objetos possíveis. (BARROS, 2004).

<sup>4</sup> Para um aprofundamento na obra de Bourdieu, sugere-se a leitura do seguinte artigo: MARCHI Jr., Wanderley. Bourdieu e a Teoria do campo esportivo. In PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Porto Alegre: Autores Associados, 2002.

pelos quais ficaram mais conhecidas essas novas atividades físicas: Esportes Californianos e/ou Esportes Radicais. O primeiro diz respeito à geografia, pois pelo fato de terem sido inventadas ou desenvolvidas com maior rigor na Califórnia/EUA, deu-se ao conjunto delas o nome de Esportes Californianos. Já o segundo termo localiza mais as fortes excitações que tais atividades provocam em seus praticantes, por isso o nome Esportes Radicais, sendo também possível encontrar algumas variações como Esportes de Ação ou Esportes Extremos (Extreme Sports). Segundo uma revista norte-americana, a Times Magazine<sup>5</sup>, algumas estatísticas demonstram queda na prática dos esportes olímpicos mais tradicionais e um vigoroso aumento em alguns esportes considerados radicais, como o skate, snowboard, surf, asa-delta.

Entre os adeptos dessas novas manifestações esportivas é recorrente a discussão se tais práticas representariam atividades esportivas ou não. Em lados opostos, pululam opiniões tanto defendendo a inclusão dessas práticas no rol das atividades esportivas quanto, pelo contrário, defendendo suas singularidades de "estilo de vida", para longe das disciplinas do esporte. Sem tomar partido e sem optar por um dos lados da bravata, é possível chamar a atenção para um dado importante, a saber: no campo das definições (é ou não um esporte?) pouco há de fixo ou de não transitório.

O filósofo Friederich Nietzsche, no século XIX, escreveu que "[...] só se define o que não tem história". (NIETZSCHE, 2009, p. 73). Sendo assim, cabe a questão: e o esporte, ele tem uma história? Através dos registros deixados por outras civilizações, sabe-se que o homem já movimentava seu corpo desde épocas bem remotas, sendo a Grécia Antiga representante de um período geralmente evocado por ter sido palco do início das Olimpíadas. No entanto, o esporte praticado na Grécia não tinha a mesma função que os esportes modernos, inventados somente no final do século XIX e início do século XX, época em que a Segunda Revolução Industrial, o Imperialismo e a Corrida Armamentista desembocariam na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Num mundo em que era preciso produzir em nome da guerra, o esporte tornou-se um recurso formidável para o condicionamento dos corpos a uma civilização industrializada e mecanizada.

Neste sentido, os esportes, tal como as produções que se davam nas indústrias, passaram a ser controlados por cronômetros, equipes sob vigilância de rigorosa coordenação coletiva, articulando-se em organogramas, categorias

<sup>5</sup> Times Magazine, p. 6, set. 1999.

e rankings, marcados por tabelas progressivas de recordes, sistemas e métodos. Já em um mundo recém industrializado, o esporte cumpria funções bem específicas, disciplinava o corpo para o trabalho e para o ritmo, cada vez mais acelerado, da vida urbana. (SEVCENKO, 2001, p. 107).

No entanto, a partir da segunda metade do século XX e com maior intensidade durante a década de 1970, época fortemente marcada pelo movimento hippie, pela liberalização dos costumes e pelo aumento do poder social da juventude, uma série de novas práticas corporais passaram, cada vez mais, a ganhar adeptos: trata-se dos já citados “esportes californianos” ou “radicais”. É preciso entender, no entanto, que essas práticas surgiram em outro momento da História, em outro contexto, e por isso buscavam atender mais aos desejos por liberdade, flexibilidade e aventura do que os esportes de caráter mais tradicional. Na década de 1970, o mundo parecia estar mudando e essas novas práticas esportivas podem evidenciar essa mutação.

Se na Grécia Antiga o esporte buscava outras finalidades, a maioria ligada ao politeísmo (vários deuses) grego, e os esportes tradicionais nasceram num contexto de guerra e industrialização, é possível pensar que essas novas práticas, fruto de uma outra época histórica, representam valores e crenças ligadas a uma cultura desenvolvida com a explosão da juventude como uma categoria social nas décadas de 1960 e 1970. Não se trata de discutir se tais atividades são ou não um esporte, mas sim a apreensão de que aquilo até então fundamentado como esporte começou a passar por novos registros de compreensão, ligados à formação de uma nova sociedade e, com ela, novos valores culturais.

Essa mutação das práticas esportivas, portanto, “[...] desafia os tradicionais critérios utilizados para conceituar esta manifestação da cultura, ou seja, elas não apresentam as mesmas características dos esportes tradicionais” (FERES NETO, 2001, p. 70). Segundo o professor da Universidade Católica de Brasília, em sua tese de doutoramento, o esporte, a partir das últimas décadas do século XX, tornou-se polissêmico e passou a designar uma variedade de atividades que não atendem mais somente aos critérios da competição, comparação de desempenhos, busca de vitória ou recorde. Diante desses fatores, José Roberto Cantorani e Luiz Alberto Pilatti, defenderam a seguinte hipótese “Se os esportes são um meio de se escapar da pressão comportamental imposta pela sociedade, os esportes radicais talvez tenham se proliferado por se apresentarem como meio de se escapar da ordem imposta pelo próprio esporte”. (CANTORIANI; PILATTI, 2001, p. 272).

Embora seja possível apontar os critérios de competição, recorde e busca de vitória também nos esportes radicais, o surgimento dessas novas modalidades fez com que novas ambições surgissem e intensificassem a experiência esportiva. Para Alfredo Feres Neto, esses fenômenos estariam associados à crescente tendência, por parte de inúmeras pessoas, em vivenciar o fator risco como um componente essencial em suas relações pessoais e sociais. Por esses motivos, o autor defende que essas novas manifestações, em curso na contemporaneidade, “[...] ampliam o conceito de esporte e, portanto, merecem novos olhares”. (FERES NETO, 2001, p. 69).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o esporte já tenha se inserido no campo das pesquisas históricas, até bem pouco tempo atrás, como lembrou a historiadora Patrícia Falco Genovez (GENOVEZ, 1998, p. 2) havia uma supremacia dos estudos dedicados ao futebol em detrimento àqueles realizados acerca de outras manifestações esportivas. Mas se este quadro vem aos poucos se alterando, é importante notar que os chamados “esportes californianos” ou “radicais” pouco encontraram interface com a historiografia. Nas palavras do historiador Rafael Fortes

Os esportes radicais são um tema pouco pesquisado no Brasil, seja no período em questão, seja nas décadas anteriores. Boa parte dos estudos está na área de Turismo, o que indica a percepção, por parte daqueles pesquisadores, das possibilidades de exploração econômica das práticas esportivas. Tais estudos inclusive destacam o tema como uma categoria à parte, denominada “turismo de aventura”, que não corresponde de forma exata aos esportes radicais, mas inclui alguns deles. Estudos em Antropologia, Turismo, Administração e Psicologia têm destacado o risco como motivação para a prática de esportes radicais. Sem dúvida, este é um fator de atração, mas não é o único e, talvez, sequer seja o principal. [...] Ainda há carência de estudos mais aprofundados, dos pontos de vista quantitativo e qualitativo, nas diversas áreas das ciências humanas. Isto inclui, claro, a História. [...] Os esportes radicais no Brasil são terreno fecundo e praticamente inexplorado para os estudos históricos. Há disponibilidade de variadas fontes, produzidas por agentes sociais também diversos. (FORTES, 2009, p. 448 e 449).

De acordo com essa questão levantada por Fortes, portanto, tal lacuna representa tanto um desafio quanto uma promissora área de estudos. Ao pensar os “esportes radicais”, o historiador pode realizar reflexões que transitem na interface com a Antropologia Urbana e a Sociologia do Esporte.

Além dos estudos já citados de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, o sociólogo francês Michel Maffesoli também é um autor (entre outros) que pode ser incorporado, principalmente porque os “esportes radicais” fazem parte de um período histórico muito próximo ao presente. Sugere-se, neste sentido, um debate que vá além do individualismo – termo tão em voga em diversas teorias sociais contemporâneas – e perceba nessas novas manifestações esportivas a formação daquilo que Maffesoli chamou de neotribalismo, ou seja, formas lúdicas de agregação social que, como lembra o autor, “[...] são perceptíveis nos diversos ajuntamentos esportivos”. (MAFESSOLI, 2006, p. 167).

Para finalizar, é preciso perceber que se os esportes radicais pouco encontraram respaldo nos estudos históricos, cabe a uma nova geração de historiadores, portanto, enfrentar o desafio e fazer do estudo dessas práticas instrumentos para outras e renovadas leituras do contemporâneo, recorrendo tanto a fontes diversas (entrevistas, revistas, filmes, fotografias) quanto a renovadas articulações com a teoria social.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?". In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987, p. 137 – 153.

CANTORANI, José Roberto Herrera; PILATTI, Luiz Alberto. O nicho dos esportes radicais: um processo de civilização ou descivilização? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: "HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E CULTURA", VI., 2001, Assis. **Anais...** Assis: Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, 2001.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

FORTES, Rafael. Os anos 80, a juventude e os esportes radicais. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Orgs). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009.

GENOVEZ, Patrícia Falco. O desafio de clio: o esporte como objeto de estudo da História. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, ano 3, n. 9, 1998.

FERES NETO, Alfredo. Produção de subjetividade, subjetivação e objetivação: algumas contribuições de Félix Guattari e Pierre Lévy para a Educação Física. **Motrivivência**. Florianópolis, ano XII, n. 17, 2001.

\_\_\_\_\_. **A virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

Folha de São Paulo, Caderno Mais! 08/08/2004.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCHI Jr., Wanderley. Bourdieu e a Teoria do campo esportivo. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

MELO, Victor Andrade de. História do esporte: um panorama. **Revista do Mestrado de História**, Vassouras, v. 11, n. 1 e 2, p. 1-21, 2010. Disponível em: [http://www.uss.br/web/hotsites/revista\\_eletronica/Revista\\_Historia\\_2010/revistaeletronica/arquivos/N1/Victor\\_Andrade.pdf](http://www.uss.br/web/hotsites/revista_eletronica/Revista_Historia_2010/revistaeletronica/arquivos/N1/Victor_Andrade.pdf) Acesso em: 20 maio 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia do bolso, 2009.

RIBEIRO, Luiz Carlos; MELO, Victor Andrade de. História do esporte e das práticas corporais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXXIV., São Leopoldo, 2007. Simpósicos temáticos... São Leopoldo: Unisinos, 2007. [on-line] Disponível em: [http://snh2007.anpuh.org/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=13](http://snh2007.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=13) Acesso em: 23 abr. 2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XI, n. 15, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**Times Magazine**, setembro de 1999.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Coords.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 197 – 250.

